Amado, Guy (2013) "Jornada ao Interior da Paisagem ou the Loneliness of the Long-Distance Runner."
Revista :Estúdio, Artistas sobre outras Obras. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 4 (8): 282-288.

Jornada ao Interior da Paisagem ou the Loneliness of the Long-Distance Runner

GUY AMADO*

Artigo completo recebido a 9 de setembro e aprovado a 24 de setembro de 2013

*Brasil, Investigador em artes visuais. Licenciatura em Artes Plásticas — FAAP | Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo. Mestrado em História e Crítica de Arte — Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo.

AFILIAÇÃO: Universidade de Coimbra. Colégio das Artes. Estudante de doutoramento. Apartado 3066 3001 — 401, Coimbra, Portugal. E-mail: apenasguy@yahoo.com.br

Resumo: O artigo se debruça sobre o projeto CEP — Corpo, Espaço, Percurso, do escultor brasileiro Túlio Pinto, que consistiu no deslocamento do artista por um percurso de 400 quilômetros, sempre a correr, realizando ao longo de sua jornada um desenho em escala cartográfica e uma experiência radical de imersão na paisagem. Tal empreitada artística é analisada tendo como contraponto ainda a película britânica The loneliness of the long-distance-runner.
Palavras-chave: arte e paisagem / arte e limites / experimentação artística / performance expandida.

Title: *Journey Into the Landscape or* The Loneliness of the Long-distance Runner

Abstract: *This paper is focused on the artistic project BSR — Body, Space, Route by the brazilian sculptor Túlio Pinto. The proposition consisted basically on the artist dislocating himself by running through Brazilian Northeastern region — in a 400-km-long ride. By doing so, a huge "cartographical-scale drawing" were generated, apart of the radical experience of immersion into landscape. The movie The loneliness of the long-distance-runner is also cited as a strong reference for this article.*
Keywords: *art and landscape / art limits / artistic practices / expanded performance.*

> *Not that every place that is made is art, however; but to make art (which is also to think about it) is to make place.*
>
> — Tacita Dean/Jeremy Millar, "Place"

No preto-e-branco gráfico e cuidadoso da película, vemos o jovem correndo. Desloca-se — rapidamente, mas sem pressa — por entre bosques cinzentos,

resvalando na vegetação áspera, desviando-se dos galhos mais baixos, alterando seu rumo ao sabor dos instintos. Seus braços por vezes movimentam-se como que a querer apanhar o vento que investe contra seu corpo e revigora sua jornada; é nítido o prazer que o jovem desfruta deste ato. Ele corre porque é o que sabe fazer melhor; corre *por inteiro*, podíamos talvez dizer. Corre com a intensidade de quem só assim parece sentir-se vivo.

No belo filme britânico *The loneliness of the long-distance runner*, o protagonista Colin Smith é um jovem transgressor — oriundo de uma família proletária disfuncional — cujo grande talento é a aptidão para corridas de fundo. Nesta obra, o ato de correr apresenta-se como um elemento metafórico para veicular com potência a mensagem libertária que perpassa toda a história. A vocação de Smith para correr é um símbolo de seu esforço em enfrentar a adversidade e confrontamento com a autoridade que perpassa sua existência: no presente da narrativa, ele é um dos internos em um reformatório, depois de ser apanhado por um pequeno roubo. Mas afigura-se também como um meio pelo qual escapar a sua condição de confinamento, quando é conduzido a uma situação-limite que irá forçá-lo a um impasse: uma competição em que vencer poderá garantir-lhe a promessa de um novo estatuto social, enquanto perder seria uma forma de resguardar sua integridade e valores pessoais. Ele não pode vencer a corrida, se quiser seguir correndo, metaforicamente, em sua jornada pessoal. Correr é seu derradeiro ato de liberdade (Figura 1).

Corte para o interior do estado do Rio Grande do Norte, maio de 2013. No coração do semi-árido potiguar, há, de modo improvável, um indivíduo correndo. Correndo a sério, abnegada e metodicamente. É Túlio Pinto, que propôs uma extenuante jornada a ser cumprida por ele próprio, gerada a partir de uma pulsão artística. Desloca-se — rapidamente, mas sem pressa — por entre planaltos e planícies ásperas, chapadas e depressões geográficas, num asfalto quente, com seu rumo pré-estabelecido por coordenadas geométricas e geográficas.

CEP

Trata-se do projeto CEP — Corpo, Espaço, Percurso, onde propõs-se a perfazer a pé um total de aproximadamente 400 quilômetros no espaço de 20 dias. O percurso foi iniciado na pequena cidade de Tenente Laurentino Cruz, interior do estado, e terminou na sua capital, Natal, obedecendo a uma rota espiralada determinada cartograficamente a partir de uma matriz gerada pela aplicação da proporção áurea sobre o território do RN. Trajeto cumprido, claro, com as necessárias adequações aos caminhos e rotas existentes, numa "sobreposição entre o ideal e o possível", como afirma o artista. Um percurso-desenho,

Revista :Estúdio, Artistas sobre outras Obras. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 4 (8): 282-288.

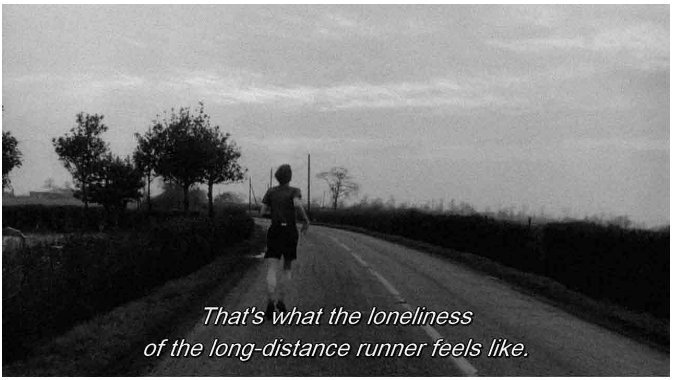

Figura 1 · *Still da película The loneliness of the Long-distance runner*, de Tony Richardson. Reino Unido, 1962.

portanto, que sintetiza e afirma simbolicamente as demandas que convivem no artista e no esportista.

A jornada estruturou-se de modo metódico. Diariamente, logo ao final de cada trecho, Túlio sacava do material de desenho que trazia consigo na mochila e, ainda sem recuperar-se do esforço físico, posicionava-se na direção de Natal — valendo-se de geolocalizadores também trazidos a tiracolo — e registrava em esboços rápidos, "ofegantes", o fragmento da paisagem que se apresentava diante dele naquele instante. Desenhos, como diz, gerados "por uma urgência inventada", movidos pelo afã em captar o momento ainda sob os influxos da condição-limite em que se encontrava (Figura 2). Os desenhos, devidamente assinalados com as respectivas coordenadas geográficas de sua concepção, eram então postados no correio mais próximo e enviados para Natal. O artista escolhe assim buscar na indicação do código de endereçamento postal [CEP] desta correspondência o elemento articulador de seu conteúdo tanto como índice aferidor da concretude da experiência, em sentido físico e temporal, como um dispositivo de atualização constante do *status* do percurso em andamento.

A empreitada é movida pela conjugação de reminiscências pessoais que envolvem a vocação precoce pelo desenho e pela intensa prática esportiva e uma pulsão artística que é fortemente imbuída deste mesmo sentido de fisicalidade manifesta em sua produção escultórica. O projeto *CEP* conjuga assim estas motivações, mantendo, como afirma o artista, "o desenho como ferramenta codificadora do diálogo que estabeleço com o mundo"; um entendimento de desenho que se vê aqui transposto para uma escala cartográfica. A dimensão processual do trabalho enunciada já em sua conceitualização ativa a carga auto-reflexiva e o inerente processo de significação que lhe permite afirmar-se como obra de arte.

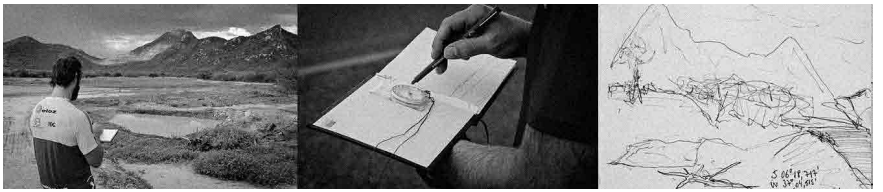

Figura 2 · Detalhes da produção de *sketches* pelo artista em sua jornada. (Fotos: divulgação)

Um lado da experiência do *CEP* aponta incontornavelmente, além da fisicalidade extrema a ela inerente, para o aspecto épico invocado pela escala do projeto. Afinal, temos ali o artista, um indivíduo submetido a uma verdadeira experiência-limite, do ponto de vista físico: [per]correr mais de 400 km em 20 dias, e tudo a serviço de nada menos que uma proposição artística (Figura 3). Assinale-se, contudo, que tal aspecto, apesar da dificuldade em ser abstraído da proposta, não está aqui em jogo. Do ponto de vista de Túlio, não interessa valorizar a imagem romântica do artista heróico, pronto a desempenhar atos extremos como, digamos, fatores de sensibilização numa aproximação a sua obra; esta leitura não deve ser entendida como relevante nesta proposta. Há diversos componentes apontando para um olhar «desmitificante» deste viés, como o aparato técnico e toda a logística assumidamente envolvida na empreitada. À maneira de um corredor profissional, o artista-corredor cercou-se de uma equipe responsável por todo o suporte técnico necessário para uma empreitada deste porte: preparador físico, nutricionista, carro de apoio, fotógrafo, produção executiva. Não se trata aqui, portanto, de uma *performance de risco* ou práticas congêneres; apesar do caráter extremo do projeto no que se refere ao grau de desgaste corporal, a lógica determinante está toda ela voltada tão somente para fazer do próprio corpo um meio ou instrumento para a realização de uma proposição artística nascida de um interesse pelo desenho, executada pela ação física e experienciada como uma ação "escultórica" em grande escala, por assim dizer.

Paisagem

Uma proposição da qual tem-se a impressão — apesar da elaboração de registros diversos no decorrer de sua execução, com a produção de desenhos e fotografias e a coleta de amostras minerais — de que o que se apresenta como potência residual efetiva não está nos índices produzidos durante a ação, mas num dado da experiência reservado apenas ao artista. Afinal, foi ele o único em condições de apreender em toda a plenitude o que poderia ser entendido como a dimensão estética envolvida no projeto.

Revista :Estúdio, Artistas sobre outras Obras. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 4 (8): 282-288.



Figura 3 · Túlio Pinto em alguns momentos de sua jornada artística pelo Nordeste brasileiro. (Fotos: divulgação)

O que nos conduz, naturalmente, à questão da *paisagem* e sua reverberação neste projeto. Ao analisar a problemática envolvendo os diversos enfoques e interpretações possíveis acerca do conceito da paisagem na contemporaneidade, com suas muitas expansões e atualizações desde sua gênese associada ao cânone pictórico, Anne Cauquelin fala da possibilidade desta ser construída por vias que se articulam a partir de relações corpóreas-conceituais e afetividades, em paralelo com a ficção e imaginação (Cauquelin, 2007), implicando que a subjetividade da interpretação é um determinante no modo como percebemos a paisagem.

De entre os índices produzidos no projeto CEP estão imagens fotográficas de trechos do percurso sobre as quais se sobrepõem gráficos das alterações corporais manifestadas pelo organismo do artista-corredor, em seu embate com a topografia. Tais imagens seriam para o artista mais uma forma de sobrepor os registros de paisagens ali em questão: a exterior, realidade estética cuja percepção é condicionada pelo filtro do olhar humano, materializada no ambiente físico no qual o trabalho se desenrola; e uma outra, internalizada, traduzida não apenas pela organicidade literal dos gráficos como pelo que o teórico espanhol Javier Maderuelo define como "o conjunto de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e seus elementos constitutivos. A palavra *paisagem* [...] convoca também algo mais: convoca a uma interpretação, à busca de um caráter e à presença de uma emotividade.» (Maderuelo, 2005) Ao que poderia ainda se apor a ideia de que "mesmo as imagens de uma experiência interna só seriam possíveis por empréstimo à experiência externa", como postulado por Merleau-Ponty (2007); o que, na chave que aqui interessa, poderia



ser assimilado como o acréscimo, pela natureza, de uma camada de realidade mental ao mundo físico, expressando dessa forma a noção de "internalização" da instância sensível que se tenta aqui figurar.

O que permite-nos ainda alocar a aventura de Túlio no registro fenomenológico inerente ao ato de experienciar a condição de *pertencimento* àquele ambiente, subsumida àquela paisagem em que está de todo *imerso*. Afinal, citando *en passant* Gilles Tiberghien, "o conhecimento que podemos ter da paisagem passa pela experiência. Ver paisagem é também imaginá-la" (Tiberghien, 2010). Já os fatores enunciados por Cauquelin como constitutivos de uma experiência da paisagem se apresentam, de saída, como impulsionadores desta proposta, como comentado anteriormente: a fisicalidade atrelada ao conceito, a reminiscência pessoal de tom nostálgico, a verve imaginativa do artista. Resta a fissura provocada pelo ato de trabalhar a paisagem enquanto realidade tangível — e esse é um dado onipresente na práxis escultórica de Túlio —, esse descompasso que desponta entre as expectativas do imaginário pessoal e a realidade da prática artística, aqui vivenciada num grau de extrema solicitação corporal.

Keep Running

"No horizonte do teu olhar és o ser desta paisagem", enuncia belamente o artista português Alberto Carneiro a propósito de uma exposição sua (Carneiro; Melo, 2003). Este "ser da paisagem" parece definir com propriedade a condição vivenciada por Túlio em suas longas jornadas diárias no "de-correr" de seu projeto no semi-árido nordestino. Imerso na solidão mental que certamente o tomava, o artista transmutado em corredor de longa distância [e vice-versa] segue adiante em sua cartografia pessoal.

Revista :Estúdio, Artistas sobre outras Obras. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 4 (8): 282-288.

Amado, Guy (2013) "Jornada ao Interior da Paisagem ou the Loneliness of the Long-Distance Runner." *Revista :Estúdio, Artistas sobre outras Obras*. ISSN 1647-6158, e-ISSN 1647-7316. Vol. 4 (8): 282-288.

O que nos traz de volta a Colin Smith, o jovem corredor libertário do início do texto. Smith gosta de correr sozinho. Ele afirma que é na solidão de suas jornadas que ele pode pensar claramente; é correndo que ele vê as coisas com clareza, que elas adquirem sentido, e quando traça suas estratégias de vida. E por que motivo corre Túlio Pinto? O que leva um artista a eleger o ato de correr como elemento catalizador de uma proposta desta natureza? Ora, precisamente o fato de ser um artista, poderíamos dizer. Ele corre porque — como Smith? — é o que sabe fazer melhor; ele corre porque faz sentido para ele que assim o faça. Corre porque só assim sente-se aderindo por inteiro à textura do mundo terreno, do mundo táctil das coisas sólidas que são tão caras à sua prática escultórica. Pois é disso que se trata em última análise: Túlio é escultor, e no decorrer desta marcha-jornada concebida como um desenho, o que o artista efetivamente realiza é o agenciamento de uma experiência ampliada do que entende por uma percepção escultórica do ambiente que o cerca. O espaço da obra se converte assim, como no velho clichê, na transposição do espaço mental da criação no ambiente da realidade tangível, o que é dizer no espaço da vida. Um espaço que aqui se foi construído ***in transitu, in extenso, in pleno***, a cada passada.

Referências

Carneiro, Alberto; Melo, Alexandre (2003). Catálogo de exposição na Porta 33 e no Museu de Arte Contemporânea do Funchal. Lisboa, ed. Assírio & Alvim.

Cauquelin, Anne (2007). *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Maderuelo, Javier (2005). *El paisaje: génesis de un concepto*. Madrid: Abada Editores.

Merleau-Ponty, M (2007). "O Entrelaçamento — o quiasma". In: *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.

Tiberghien, Gilles A. (2010) "Bill Viola: na natureza das coisas". In *Concinnitas* vol. 2, n. 17. Rio de Janeiro

Richardson, Tony (1962). *The loneliness of the long-distance runner*. Filme longa-metragem, 104 min. Londres, Woodfall Film Productions.